



A RELAÇÃO CONTEMPORÂNEA COM O TEMPO E A SUA PERCEPÇÃO NA HISTÓRIA

THE CONTEMPORARY RELATIONSHIP WITH TIME AND ITS PERCEPTION IN HISTORY

Welson Ribeiro Marques*

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

welson.rm@gmail.com

Doutor em Historiografia Antiga e Moderna e professor na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* na França, onde, ministra as mesmas disciplinas, François Hartog vem se dedicando a pensar as variadas formas de prática historiográfica, bem como as diferentes modalidades de experiência de tempo. O mercado editorial brasileiro já traduziu diversos livros seus entre eles a sua tese **O espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do Outro**¹, e também **Os antigos, o passado e o presente**, **Memória de Ulisses – narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga**², **Evidência da história: O que os historiadores veem**³ e **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**.⁴

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) na linha: Linguagens, Estética e Hermenêutica e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

¹ HARTOG, F. **O espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do Outro**. Belo Horizonte:UFMG, 1999.

² HARTOG, François. **Os antigos, o passado e o presente, Memória de Ulisses – narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga**. Brasília: UNB, 2003.

³ HARTOG, F. **Evidencia da História: O que os historiadores vêem**. Coleção História e Historiografia. Belo Horizonte: Editora Autentica: 2011

⁴ HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014

Pensando a partir do seu conceito desenvolvido, de regime de historicidade⁵, Hartog procura em **Crer em história**⁶ demonstrar como essa nova relação com o tempo, esse presente perpétuo, definido como presentismo, influencia na relação que a história tem como a sociedade a partir de escritos históricos e ficcionais. Dividindo o livro em quatro capítulos, além da introdução, intermédio e conclusão.

Na introdução através do seu título elucidativo “Ainda cremos em História?” Hartog levanta a questão central do livro e os seus desdobramentos, que são nas palavras do autor “Ainda cremos em História? E o que significa hoje responder sim ou não a essa questão? [...] Acreditamos em História como se acreditou a partir do século XIX: com a mesma força e a mesma fé?”.⁷ A História não é exclusiva dos historiadores, ficcionistas, filósofos e diversos outros profissionais apossaram, pensaram e escreveram sobre ela, e a sua crença também perpassou por todos esses campos.⁸ Chamando a atenção para a diferença entre o *crer em* e o *crer na*, o autor demonstra como o século XIX apossou do *crer em História* como se crê em Deus, no mais alto grau de fé. Enquanto no momento que a História surgiu os seus escritores creem na História, acreditavam na ação da história e na sua existência. E será somente no final do século XVIII, na Alemanha, que a História emerge como força dominante, conceito central e regulador do mundo moderno. E é com esse conceito moderno de história, que tem o tempo como agente e a distância do campo de experiência (a lembrança) e o horizonte de expectativa (a esperança) que nasce esse novo tempo histórico.⁹ Não mais o tempo histórico de uma história *magistra vitae*, onde o passado servia de exemplo para o presente, mas sim uma história que leva inevitavelmente ao progresso, em que o futuro, e não mais o passado, está no centro da crença na história. A questão *crer* está

⁵ Tal pode ser definido como o modo de articulação das categorias temporais passado, presente e futuro em uma determinada sociedade e um contexto histórico específico. Ele auxilia “a melhor apreender, não o tempo, todos os tempos ou a totalidade do tempo, mas principalmente momentos de crise do tempo, aqui e lá, quando vêm justamente perder sua evidência as articulações do passado, do presente e do futuro” (HARTOG, François. *Regime de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Tradução de Maria Helena Martins; et al. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 37.

⁶ HARTOG, François. **Crer em História**. Tradução de Camila Dias. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

⁷ Ibid., p.9.

⁸ Cf. HARTOG, François. Ainda cremos em História?. In: _____. **Crer em História**. Tradução de Camila Dias. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 252. p.9 – 30.

⁹ Para saber mais sobre o campo de experiência e o horizonte de expectativa recomenda-se a leitura de KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006.

diretamente ligado ao fazer. De uma concepção que apenas o divino era encarregado de fazer história, para uma que os grandes homens que fazem-na, até chegar na de que os indivíduos são atores de si mesmo e das suas obras. Quanto mais se faz história mais se crê nela. Na contemporaneidade o fazer história está ligado a profissionalização do historiador, que busca apenas conhecer e compreender. E o fazer história ganhou o significado de fabricar, no caso o historiador faz história quando a fabrica na sua escrita. Mesmo que a história tenha perdido o seu sentido, que o século XIX havia alterado em relação a antiguidade, isso não alterou a sua crença, pois segundo Hartog

Quanto ao fazer história, ele pode se acomodar tanto à crença como à descrença em um sentido da história. O historiador não precisa se pronunciar. De todo modo permanece o trabalho de identificar as regularidades, apreender as continuidades ou atualizar as fendas, as roturas; de enfatizar, de acordo com os momentos, uma história mais atenta às séries e a privilegiar modelos socioeconômicos ou a abordagem biográfica; e de colocar e recolocar, de novo e de novo, a questão da mudança na história e em história.¹⁰

Assim mesmo que a história não possua sentido, no que se refere a de dizer a verdade, a sua crença ainda persiste. Desde que o historiador continue escrevendo sobre a história. A nossa própria crença em história possuiu uma historicidade ligada a nossa relação com o tempo. Se a nossa relação atual não é mais de buscar exemplos no passado, nem de acreditar no progresso, mas, sim de um presente onipotente, que o autor nomeia de presentismo. E é partindo dessa nova relação com o tempo que se inicia o primeiro capítulo.

O primeiro capítulo do livro intitulado “A ascensão das dúvidas” começa com o autor expondo a questão da crise da história que surgiu na década de 1990 devido à mudança da nossa relação com o tempo. Entre os séculos XIX e XX o historiador viu a sua relação com o tempo a partir de quatro perspectivas: o vidente (aquele que olhando para o passado pode predizer o futuro), o preceptor (construtor das pontes entre passado e futuro), o que deve esquecer o presente para estudar o passado e o que faz o movimento duplo do passado para o presente e do presente para o passado. E nos dias de hoje o historiador teve se ater somente ao presente. Uma das manifestações desse presente no trabalho do historiador foi a rápida ascensão dos estudos de história contemporânea e a história do tempo presente. Quatro conceitos foram usados como

¹⁰ HARTOG, François. **Crer em História**. Tradução de Camila Dias. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 252. p.24.

maneiras reivindicar o presente nesses tempos de crise: memória, comemoração, patrimônio e identidade.

Essas quatro palavras ganham mais forças quanto mais o historiador perde a sua autoridade por outros atores, sendo eles jornalistas, juízes, testemunhas, peritos e vítimas. E como a relação com o presentismo vem tanto destaque para todas essas categorias e o historiador vem tentando dialogar com elas. Mas outras questões são postas quando se pensa nessas relações, segundo Hartog

Em meio a todos esses ocupantes de boa fé do terreno do contemporâneo, como o historiador pode se fazer ouvir, ele que não se confunde com nenhum daqueles? Que lugar ocupar ou negociar? Para dizer o quê? Enquanto nossas experiências cotidianas são aquelas de um mundo tempo real, *live* e on-line, o imediato e não o recuo (o humanitarismo compassivo dos políticos, a prática do remorso instantâneo e do trabalho de luto em 24 horas); um mundo que quer antes falar de “passado”(categoria vaga) do que de história; que faz grande caso de comemoração, da sua encenação, e de todas as técnicas de presentificação, mais do que de explicação; que valoriza o afetivo mais do que a análise distanciada; que solicita a testemunha, centra-se sobre a vítima e sobre o *trauma*, que oscila entre o “muito” e o “insuficiente” da memória, para retornar a interrogação, colocada por Paul Ricoeur no início de sua meditação sobre *A memória, a história, o esquecimento*; um mundo enfim que constrói memoriais e os visita. O dever de memória é primeiro um direito, para mim, à *minha* memória e ao seu reconhecimento público. O patrimônio, também ele multiplicado, é desde então gerido por milhares de associações que procuram uma maneira de habitar o presente, o seu. São todas reivindicações irrompidas e estratégias para encontrar ou se dar uma “história de si próprio”, dizer quem nós somos e, mais ainda, que *eu* sou o hoje (o ontem sendo inacessível e o amanhã, impossível de projetar).¹¹

Assim essa categoria presentista da atualidade não é muito discutida pelos historiadores, na questão do impacto que isso tem no seu ofício, e em como pensar esse novo regime de historicidade. E de como a ascensão da memória questionou e ocupou o lugar de autoridade da História. Para tanto o autor propõe partir de outra época de incertezas para a história, e é isso que se propõe o próximo capítulo.

Com o segundo capítulo “Uma inquietante incerteza”, Hartog retorna aos anos de 1960 que abalaram as certezas da história através do *linguistic turn*, esse movimento trouxe para o centro as questões da história, retórica, poética e também o as noções de história e ficção. A esse movimento o autor faz a crítica de que ele não chegou a lugar

¹¹ HARTOG, François. **Crer em História**. Tradução de Camila Dias. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 252. p.78.

nenhum e de repente não se fala mais dele. Sobre o movimento em si Hartog traz dois outros autores para pensar as maneiras que a história respondeu à virada linguística, sendo eles: Carlos Ginzburg e Paul Ricoeur. Ambos concentraram na questão do passado real e o conhecimento histórico.

Sendo o Ricoeur um filósofo que “Leu os historiadores, não para incorporá-los ou fazer filosofia da história às suas custas, mas para, graças a eles, avançar em seus questionamentos filosóficos”.¹² Ele aplica a noção de “inquietante estranheza” para a história, através da reconfiguração do tempo que os historiadores utilizam na sua escrita fazendo uso tanto da narrativa ficcional quando da narrativa histórica. E chega as noções de quase-narrativa, quase-intriga e quase-evento. Situando a história entre a memória e o esquecimento, não cabe ao historiador crer ou não na história, mas sim ao seu leitor

Ginzburg escreve sobre a questão da escrita histórica como resposta a Roland Barthes e a Hayden White, se demonstrando mais interessado na questão da retórica. Deixando claro que a mesma não se reduz a uma arte de persuadir. Partindo de Aristóteles o historiador demonstra que a escrita da história está mais ligada a *Retórica* que a *Poética*.

Para Hartog nos anos de 1990 quando todo o debate sobre a linguagem e a história começou a ficar muito sério ele logo foi abandonada e se partiu para outras questões não chegando a nenhuma conclusão.

No intermédio titulado “Sobre três alegorias da História”, Hartog demonstra os três tempos históricos representados por objetos artísticos. Sendo o primeiro o quadro *Clio e a glória de Napoleão* onde a história se apresenta através de uma força que avança. O segundo é *O Anjo da História* que foi brilhantemente analisado por Benjamin como uma história que avança mas deixa em seu rastro apenas ruínas. Aí não se tem mais a crença na força da história como progresso. E o último é *Papoula* e memória onde a história de destruição se concretizou e as ruínas atuam sobre o presente.

Para se pensar em como o tempo histórico foi captado pelos escritos o quarto capítulo “Do lado dos escritores: o tempo dos romances” se propõe a analisar obras ficcionais já que cabe aos escritores o papel de revelar o mundo. Tal capítulo pretende

¹² HARTOG, François. **Crer em História**. Tradução de Camila Dias. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 252. p.89.

demonstrar a relação entre o regime moderno de historicidade e os escritores, esses que andam pelas fissuras do regime.

Iniciando por Balzac, que cria uma sociedade atravessada de múltiplas temporalidades que são desarmonicas onde os personagens dividem os espaços mas não a mesma experiência temporal. Apresenta às discordâncias do tempo, nas palavras de Hartog “[o] simultâneo do não-simultâneo”¹³, em que as suas personagens não se identificam com a temporalidade vivida presas em uma era já passada.

Chateaubriand recusa o regime moderno de historicidade e se encontra preso a *historie magistra* se definindo como um nadador entre duas margens do rio do tempo. Esse regime moderno de história que viu nascer e o seu apego ao velho regime (tanto o francês como o de história).

Ganhando potência e extensão a história se viu transformada em um oceano nas escritas de Tosltói. Os seus romances não procuram ver a história de uma visão privilegiada, de cima, mas sim observar tudo, de apreender a sua totalização através da fatalidade e a falsa crença de que o homem é livre.

Musil escreve sobre a impossibilidade de dar sentido a narrativa, tendo escrito o seu livro depois do impacto da Primeira Guerra o autor demonstra que a narrativa não dá mais conta de produzir sentido ao mundo e, no entanto, não existe uma substituta para ela.

Nos escritos de Sartre também persiste a incapacidade de contar a história já que a única coisa que existe é o presente e para dando utiliza nos seus escritos o efeito de simultaneidade. Posteriormente a historicidade é colocada no centro e a única opção que resta para os escritores é a de se engajarem no presente. A obra não é mais um testemunho de sua época, mas sim, a própria realidade.

Prosseguindo Hartog concentra-se em dois escritores contemporâneos, Sebald e Rolin. Com Sebald o tempo está suspenso no presente, não existe uma experiência do passado e expectativa de um futuro, e o fazer história é apenas uma atividade insignificante. Já com Rolin uma nova experiência em relação com o tempo é demonstrada configurada pelo esquecimento e de um descrédito na noção de História.

No século XXI, segundo Hartog, os romances passaram não crer mais na história assumindo uma característica predominantemente distópica, uma catástrofe que

¹³ HARTOG, François. **Crer em História**. Tradução de Camila Dias. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 252. p.132.

não é anunciada, mas que já ocorreu. Para tanto ele se utiliza de dois autores americanos, DeLillo e McCarthy. Esses autores inauguram uma era de futuro passado, não no sentido atribuído por Koselleck, mas de um futuro trágico que já ocorreu onde não se existe nenhuma temporalidade e não se pode pensar o presente pois a sobrevivência é tudo que resta.

Os escritores foram tomados pelo tempo e se apropriaram deles nas suas obras, explorando as suas fendas, já os historiadores estiveram mais inclinados a perpetuar o regime moderno de historicidade, e é isso que se pretende demonstrar no último capítulo “Do lado dos historiadores: os avatares do regime moderno de historicidade”.

O regime moderno sobreviveu no século XX graças ao evolucionismo e ao conceito de Revolução, concebida como auge do progresso e realização da História. Os questionamentos só vieram graças a Primeira Guerra Mundial, que proporcionaram brechas no tempo, um momento de parada do passado e do futuro.¹⁴

Lessing enxergava a história como crença, algo que dá sentido ao que não possuiu sentido. Spengler já vê o tempo com um novo olhar, fazendo uma história comparada do declínio das civilizações da Antiguidade com a sociedade em que vive. Toynbee também adere ao declínio da civilização ocidental, realizando um paralelo entre a Guerra do Peloponeso e 1914.

Outras dúvidas também surgiram no pós 1914, como por exemplo: crítica do tempo progresso, transformação do entendimento de revolução, surgimento da memória coletiva e a necessidade da circulação entre passado e presente. Todas elas sendo resultado da insatisfação ao tempo moderno.

As questões levantadas em 1914 foram acentuadas depois de 1945. O futuro teve a sua última chama de esperança apagada. O regime moderno de historicidade foi substituído pelas denúncias ao “terror da história”, que Eliade e outros faziam. Essa instabilidade surpreendentemente trouxe uma crença reafirmada para a história, uma história científica. Graças ao projeto de dois historiadores franceses, Febvre e Braudel. Evitando o passado recente ambos priorizam uma nova história um novo mundo.

Na década de 1960 esse novo mundo pensando por Febvre e Braudel já não existe mais, conceitos novos surgiram que reformularam todo o entendimento que se possuía sobre a história. Começando pela longa duração que foi substituída pela

¹⁴ Para uma informação mais detalhada sobre o próprio conceito de brecha do tempo recomenda-se a leitura de ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. M. Almeida (trad.). São Paulo: Perspectiva, 2000.

efemeridade do acontecimento. Essa relação já indicia um novo olhar para o tempo. Outro conceito que foi substituído foi o de civilização pelo de globalização e o de modernização foi tanto lugar a modernidade. A História deixou de ser da Europa e passou a ser global.

Na sua conclusão “O nome e o conceito de história” é retomado toda a busca pela legitimidade de um futuro que a história percorreu, mas que a nossa relação presentista atual do tempo acabou por obliterar. E se existe um futuro a história será por conta da capacidade social de articular novas relações com o passado, presente e futuro sem que nenhum deles exerça uma influência maior sobre outro.

Todo o livro está interligado com o que o autor defini de regime de historicidade. Mostrando como esse regime possui uma historicidade própria Hartog procura determinar a relação entre a crença em história e a nossa relação com o tempo. Para tanto demonstra que essa relação pode-se ser observada tanto na escrita dos historiadores, em escritores ficcionais (nesse caso os romancistas) e produções artísticas, e como ela sofre uma transformação, no decorrer do século XX, onde a crença em um progresso é destruída por duas guerras mundiais. E faz uma crítica ao presentismo e como ele é nocivo para a nossa sociedade, uma sociedade que não possuiu perspectivas de futuro e o passado não tem nada a nos ensinar.

RECEBIDO EM: 18/05/2018

PARECER DADO EM: 27/06/2018